

## AS OBRAS DE FRARI - ARCHITECTURE NETWORK com a arquiteta MARIA FRADINHO

Com vontade de mapear projectos de arquitectura contemporânea no território de Ílhavo, convidámos a arquitecta Maria Fradinho, fundadora de Frari - architecture network, para nos guiar por duas obras de carácter completamente diferente: a Casa do Arco, obra de raiz e com total liberdade de acção, em confronto com um projecto de reabilitação de uma casa dos anos 40.

Maria João Fradinho Ribeiro (1984) nasceu em Ílhavo e formou-se em Arquitectura pela FAAUL Porto período durante o qual se dedicou à compreensão e ao exercício da relação entre os edifícios e a sua envolvente, pelo que sempre procura respeitar a paisagem, relacionando a arquitectura com a natureza que a contextualiza.

Viveu entre Valencia, Espanha, e Amesterdão, Holanda, aprendendo através da investigação e da estreita relação com outras práticas de arquitectura, que toma sempre como referência para os seus projectos desde que regressou, em 2010, a Ílhavo. Desde a sua fundação de Frari - architecture network, desenvolve projectos nas áreas de arquitectura, urbanismo e design de interiores, com um vincado traço formalista, mas nunca prejudicando a qualidade espacial.

A projecção obtida nos últimos anos resultou em várias nomeações para prêmios internacionais de arquitectura, tendo sido eleito "O melhor atelier de arquitectura do noroeste de Portugal" pela BUILD Architecture Awards 2019.

Esta visita foi gentilmente registada por Ivo Tavares Studio, que é também o autor das fotografias da Casa do Arco.

(estes textos foram cedidos pelo próprio atelier Frari - architecture network e adaptados ao formato do nosso arquivo)

### **Casa do Arco**

No final de 2018, Maria Fradinho projeta e constrói o seu próprio escritório e casa, num terreno de 940 m<sup>2</sup>, localizado nos arredores da cidade de Ílhavo, em Portugal.

O terreno situa-se "à porta" do lugar da Vista Alegre, lugar querido à arquiteta, e cujo nome que se deve à sua origem, a Fábrica de Porcelana da Vista Alegre, uma das indústrias mais importantes da região, e do país. É nesta fábrica que a autora se inspira, porque "aquele lugar assim o pedia".

Ela procura referências na arquitectura industrial para materializar a moradia como um corpo uniforme, revestido a materiais metálicos e onde o interior é independente do seu invólucro exterior.

A casa do Arco segue a continuidade dos edifícios vizinhos, com a fachada a garantir o alinhamento com a consolidada pré-existência. Contudo, a mesma é estilizada para permitir a permeabilidade de luz e vistas, num jogo simbólico de associação à presença do Arco, que marca a entrada para o lugar da Vista Alegre. Este trabalho de depuração cria a "coroação" desta fachada, e assume-se como um desenho de qualquer criança - A minha casa!

A teatralidade desta fachada dá nome ao projeto, mas este não se define apenas por isso.

A casa recua em relação à fachada urbana descrita, criando um espaço semiprivado de protecção interna - um pátio frontal - que permite que a fachada principal seja completamente aberta, feita de grandes janelas de vidro.

O pátio é o momento de ruptura do ambiente exterior, preparando-nos para a nova realidade do interior. É uma "ponte" que liga duas realidades aparentemente contíguas, mas verdadeiramente diferentes.

Depois, entramos numa pequena "caixa de madeira", o hall de entrada, onde nos sentimos acolhidos e bem-vindos para, depois, ficamos maravilhados com a luz e o pé-direito da sala.

Para a arquiteta era importante garantir este processo de transição do público ao privado, assim como assegurar a devida privacidade no interior, apesar da máxima exposição ambicionada por outro lado.

Inspirado em contentores de navios, o jogo de volumes com que o interior é desenvolvido, cria um pé-direito total em algumas áreas, recriando o grande ambiente industrial de uma nave principal. Este conjunto de diferentes alturas dos tetos amplia os espaços e torna-os mais abrangentes, proporcionando uma relação visual entre os diversos locais da casa.

Desta forma, é assegurada a sensação de um único espaço ocupado por elementos menores, que se distribuem no edifício num movimento "deslizante" ao longo do seu comprimento, criando um ritmo que quebra a monotonia do corpo exterior do edifício.

De uma forma desavergonhada, a fachada posterior é totalmente envidraçada para se relacionar com o logradouro verde, garantindo a relação direta com o exterior. Todos os volumes do interior têm a oportunidade de se relacionar com essa fachada com a mesma hierarquia, já que todos são orientados para a mesma grande janela.

Devido a restrições de construção, o piso -1, projetado para o atelier, não foi construído. Essa decisão forçou uma reformulação global mesmo durante a obra, mas foi garantida a essência do projeto original.

A Casa do Arco é, portanto, resultado de três premissas: a teatralidade da fachada urbana, a complexidade de seu uso versus sua inspiração industrial e as limitações do terreno que, juntos, fazem desta casa uma peça complexa e única de arquitetura!

### **informações técnicas**

Tipo: Construção de habitação unifamiliar

Cliente: Privado

Localização: Ílhavo, Portugal

Estado: Construído

Autor do Projeto: Maria Fradinho

Equipa: Rafael Morais, Norally Faustino

Data de Projeto: 2014-2016

Data de Construção: 2016-2018

Área do Terreno: 940 m<sup>2</sup>

Área de Implantação: 210 m<sup>2</sup>

Área Bruta de Construção: 300 m<sup>2</sup>

Créditos de Fotografia: **Its – Ivo Tavares Studio**

### **Casa dos anos 40**

Esta moradia, construída em 1945, pertence ao centro histórico da cidade de Ílhavo. É isolada, tem duas frentes e está construída com alvenaria de adobe - tijolos de barro e palha – material vernacular típico desta zona do país. É um belíssimo exemplar do estilo arquitectónico Português Suave<sup>1</sup>, que então se desenvolveu em Portugal entre os anos 40 e 50, do passado século, sendo notório o rigor na utilização dos elementos definidores deste movimento.

---

<sup>1</sup> PORTUGUÊS SUAVE "Designação pela qual ficou conhecido o estilo desenvolvido por uma corrente de arquitetos que, já desde o início do século XX, procurava criar uma arquitetura "genuinamente portuguesa", utilizando as características modernistas da engenharia, disfarçadas por uma mistura de elementos estéticos exteriores retirados da arquitetura portuguesa dos séculos XVII e XVIII e das casas tradicionais das várias regiões de Portugal, e que se popularizou como estilo nacional imposto aos programas públicos, sobretudo após a Exposição do Mundo Português, em 1940. Foi, no entanto, duramente atacado por um grande número de arquitetos, que o acusaram de ser provinciano e desprovido de imaginação, e que o passaram a designar por Português Suave, adotando o nome de uma marca de cigarros." - texto extraído do artigo "Grupos Escolares construídos ao abrigo do Plano dos Centenários em Lisboa – 1944-1961" - <http://www.monumentos.gov.pt>

Em razoável estado de conservação ao nível das fachadas, mas em clara decadência das condições interiores, esta moradia carece de obras de reabilitação mas, também, de requalificação, já que se manifesta incapaz de servir as necessidades que o habitar hoje requer. O estúdio Frari propõe reabilitar o edifício, com respeito máximo pelo desenho original, intervindo de forma discreta, apenas em zonas específicas, e onde as novas necessidades assim o exijam.

Decidiu-se, de imediato, demolir o segundo anexo, a sul, dada a má qualidade da sua construção, muito posterior à moradia, assim como pela sua total inutilidade para o programa atual.

Contudo, outra alteração iria determinar a solução arquitetónica deste projeto, nomeadamente a intervenção no anexo da garagem que, apesar de manter a sua mancha de implantação, sofre uma completa alteração com a inversão do sentido de estacionamento - a entrada de viaturas passa agora a fazer-se pelo tardo do terreno. Este facto é fulcral já que, por um lado, liberta os arranjos exteriores por onde antes se fazia a entrada de viaturas, para se tornarem espaços pedonais - a moradia pode, agora, voltar-se para estes espaços e tratá-los como pátio, potenciando a relação entre o interior e o exterior da habitação. Por outro lado, a inversão do sentido de entrada de viaturas cria uma, ainda maior, condicionante: O dever de interpretar o alçado posterior da moradia como uma nova fachada frontal. Neste sentido, procurou-se resolver os aspectos menos cuidados desta fachada, onde se percebia que era simplista, em relação ao tratamento dado na fachada principal.

Propôs-se, assim, respeitar o desenho original daquela fachada, apenas intervindo nos aspectos mais vulneráveis e menos bem conseguidos. Um volume leve, geométrico, e abstracto, destaca-se para compor o desenho da fachada, sem entrar em conflito com a riqueza de detalhes do desenho original.

Este volume, que suporta uma pérgula metálica, encerrada com telas de lona deslizantes, que recolhem sempre que desejado, protege o novo lounge exterior, espaço que se mistura com o interior, através da abertura de um vão de grandes dimensões para a sala de estar. O lounge remata com a piscina, que se prolonga até ali, a uma cota mais elevada, e que deixa cair a sua água para um canteiro à cota inferior, criando um jogo de composição com a natureza, que apela aos sentidos, ouvindo o som da água a cair, e as folhas da vegetação a movimentarem-se com o vento, enquanto apreciamos os efeitos de luz que as perfurações desta cobertura criam neste lugar. É um espaço natural, fresco e confortável.

No primeiro piso as arquitectas propõem demolir a parede exterior que encerra o antiga varanda coberta, para dar lugar a uma estrutura permeável, um cobogó<sup>2</sup>, que protege aquela área sem, com isso, quebrar a sua relação visual com o logradouro.

O grande vão que se abre na parede exterior da varanda, garante uma nova linguagem para aquele que é o espaço interior que mais se intervém, ao nível do primeiro piso, nomeadamente a suite principal.

Já no piso térreo, os interiores são severamente alterados, à exceção do hall de entrada que é o único espaço de valor arquitectónico. Todos os restantes espaços estão em péssimo estado de conservação, para além de que têm um desenho simplista, em comparação com as restantes áreas da moradia, carecendo de detalhes de época. Neste piso propõe-se, então, uma total reorganização espacial, com a criação de uma área comum, em open-space, que obriga a várias demolições das compartimentações pré-existentes. Uma estrutura metálica leve, servirá para redesenhar os novos espaços, sem entrar em conflito com a estrutura em madeira, pré-existente.

---

<sup>2</sup> COBOGÓ "Um grupo de engenheiros - o português Amadeu Oliveira Coimbra, o alemão Ernesto August Boeckmann e o brasileiro Antônio de Góis - foram os criadores do "cobogó", elemento que permite a entrada de luz solar e ventilação natural utilizado nas aberturas de construções.

O cobogó surgiu na década de 1920, em Recife, e teve seu nome oriundo da junção da primeira sílaba dos sobrenomes de seus criadores. São uma herança da cultura árabe, baseado nos muxarabis - construídos em madeira, eram utilizados para fechar parcialmente os ambientes internos.

Apesar de ser criado em Recife, o cobogó foi difundido por Lúcio Costa em referências sutis à arquitetura colonial, tornando-se um elemento compositivo presente na estética da arquitetura moderna brasileira. Apesar da permeabilidade visual, os cobogós, de certa forma, trazem privacidade ao usuário. Feitos de cimento e tijolo no início, passaram a ser produzidos também em cerâmica e outros distintos materiais." texto original - <https://www.archdaily.com.br/br/768101/cobogo>

Este será o espaço cuja linguagem será contemporânea, quer ao nível do desenho, como de revestimentos.

Todo o edifício é branco, cor tão atual, intemporal e, de resto, preferida na época do movimento a que respeita esta moradia. Por outro lado, a cor branca reduz o impacto das formas, ajudando na transição e unificação dos dois estilos desta peça arquitetónica.

A Casa dos Anos 40 tem duas frentes e duas histórias, que se relacionam em harmonia.

### **Informações Técnicas**

Tipo: Reabilitação e alteração de habitação unifamiliar

Cliente: Privado

Localização: Ílhavo, Portugal

Estado: A decorrer

Autor do Projeto: Maria Fradinho

Equipa: Ana Soares, Ana Rita Gomes

Data de Projeto: 2019 – a decorrer

Área do Terreno: 815 m<sup>2</sup>

Área de Implantação: 200 m<sup>2</sup>

Área Bruta de Construção: 340 m<sup>2</sup>

Autor do Projeto Original: Desconhecido

**Outros projectos** de Frari - architecture network

<https://frari.pt/projectos/>